

IAN HACKING

Ian Hacking: arauto da paz em tempos de guerras das ciências?

The social construction of what?
Cambridge: Harvard University Press, 1999.

ANDRÉ LUIS DE OLIVEIRA MENDONÇA

Doutorando de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A despeito de ter vindo a lume três anos após o badalado *affair* Sokal, o livro de Hacking deve ser lido dentro do contexto das guerras das ciências (*Science Wars*), que, por seu turno, foram declaradas por consequência da polêmica suscitada pelo físico norte-americano Alan Sokal. Hoje, já são nove anos que nos separam da discussão originária e seis anos transcorreram desde o lançamento de *The social construction of what?*, de modo que muitas discussões foram arroladas desde então. Seja como for, o debate em si permanece vivo e em aberto. Quanto ao livro de Hacking, sem dúvida é uma reflexão profunda e pertinente, como também decisiva para os rumos dessa problemática. A intervenção feita por Hacking se pretende apaziguadora e conciliatória, assinalando que as ciências naturais e as ciências humanas podem conviver harmoniosamente, apesar de terem naturezas e escopos diferentes.

A trincheira de onde Hacking trava o seu bom combate é a do chamado construtivismo social (na realidade, ele prefere empregar a expressão 'construcionismo', a fim de evitar confusão com a abordagem construtivista da matemática). Essa é uma vertente do pensamento que remonta ao velho Marx (para Hacking, na verdade, o construcionismo tem sua origem na metafísica de Kant) e que possui várias ramificações. Entretanto, o alvo específico de Hacking é o construtivismo social contemporâneo defendido especialmente pelos *Science and Technology Studies* (STS), ou, simplesmente, *Science Studies*, pelo *Social Studies of Science* (SSS) e pela *Sociology of Scientific Knowledge* (SSK). Apesar das diferenças, essas três abordagens possuem em comum o fato de procurarem, cada uma a seu modo, diminuir o fosso entre a ciência e a sociedade. Quanto a Hacking, o que ele almeja, na verdade, é fornecer um balanço equilibrado sobre a fala em torno da expressão "construtivismo social", utilizada recorrentemente nessas áreas de investigação acerca da ciência, mostrando seus aspectos positivos e negativos. Para tanto, nos três primeiros capítulos, Hacking aborda as questões mais teóricas interligadas à temática. Nos capítulos restantes, isto é, do quatro ao oito, ele aborda tópicos atinentes ao construtivismo social a partir de problemas concretos específicos, dentre os quais se destaca o capítulo 6 – *Weapons Research*. Neste, é proposta uma divisão do conhecimento entre a sua **forma** e o seu **conteúdo**. A primeira diz respeito às questões que são investigadas pela ciência; o segundo é relativo às respostas. O argumento pode ser assim resumido: a forma é contingente e mutável, enquanto o conteúdo é necessário e fixo.

Em relação aos aspectos positivos subjacentes ao construtivismo, um dos mais importantes concerne ao seu papel liberalizador. Para Hacking, o construtivismo social contribui para conscientizar

as pessoas de que as situações adversas, quaisquer que sejam, nas quais elas se encontram, não são inexoráveis – elas são passíveis de mudanças. Ele assim sintetiza os pressupostos dos construtivistas:

[1] X need not have existed, or need not be at all as it is. X, or X as it is at present, is not determined by the nature of things; it is not inevitable.

Very often they go further, and urge that:

[2] X is quite bad as it is.

[3] We would be much better off if X were done away with, or at least radically transformed (HACKING, op. cit., p. 6).

Pode-se, segundo Hacking, tomar seis posições diferentes frente a esse estado de coisas, isto é, há seis tipos de construtivismo: histórico, irônico, reformista, desmascarador, rebelde, revolucionário. Apesar de todos postularem o caráter contingente dos fatos, o grau de envolvimento com a possibilidade de mudança varia de um tipo para outro.

Referente aos aspectos negativos, o mais saliente deles é o exagero em torno da própria expressão “construção social”. Na avaliação crítica de Hacking, chegou-se a um tal nível de radicalismo que até nas análises sobre as ciências naturais a expressão é empregada, como, por exemplo, na obra *The social construction of Quarks*, de Andy Pickering. Por outro lado, às vezes, a expressão é utilizada de forma redundante, como em *The social construction of social policy*.

A solução para essas dificuldades já está indicada no próprio título do livro, qual seja, precisamos perguntar o que é construído socialmente em casos concretos e específicos. Assim, por exemplo, no caso dos *quarks*, Hacking diria que é a **idéia**, e não o **objeto** em si, que é socialmente construída. A rigor, no que tange às ciências naturais, especialmente à física, os objetos são reais e ao mesmo tempo construídos. Ou seja, eles são produzidos (construídos) em laboratórios e, por isso mesmo, existem concretamente (são reais). Para todos os efeitos, o cientista natural lida sempre com gêneros naturais desprovidos de consciência, ao passo que nas ciências humanas o trabalho dos pesquisadores incide diretamente sobre os gêneros, cunhados por Hacking, de **interativos**, que são justamente os indivíduos dotados de consciência. Sendo assim, eles não aceitam necessariamente com passividade as classificações que lhes são endereçadas, mas são capazes de mudar o seu comportamento a partir dos rótulos que recebem, interagindo intensa e diretamente com os pesquisadores, que, por sua vez, também são afetados por seu objeto de pesquisa (os sujeitos humanos). Isso é o que Hacking denomina *the looping effect of human kinds*. Eis aqui delineada a grande diferença que, segundo Hacking, existe entre as ciências naturais e as ciências humanas.

Conforme mencionado, Hacking vislumbrou por trás desses debates em torno do construtivismo a presença de velhos problemas metafísicos, cuja herança provém de Kant. São três as grandes questões metafísicas – denominadas por Hacking de *sticking points* – que ele recupera: a contingência, o nominalismo e a estabilidade (entenda-se: as explicações externas que a asseguram). Decerto, esse é um dos pontos mais interessantes do seu livro, ficando aqui o convite para que o prezado leitor atente para eles. Por ora, posso mencionar uma espécie de escore fornecido pelo próprio Hacking sobre sua posição acerca de cada um dos três *sticking points*. Em uma escala de um a cinco, sua pontuação é a seguinte: contingência: 2; nominalismo: 4; estabilidade: 3. Peço, gentilmente, que tirem suas próprias conclusões. De minha parte, eu diria que esse escore equilibrado indica, por um lado, que Hacking não pretende nem estar ao lado de cientistas positivistas como Steven Weinberg nem de construtivistas radicais como Andrew Ross, editor da revista *Sopcial Text*; por outro, que ele não quer romper totalmente com a filosofia da ciência tradicional, tampouco desconsiderar os resultados dos novos estudos sobre a ciência, especialmente por aqueles levados a cabo pelos *Science Studies*.